

Audiência aos participantes no Encontro promovido pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral com os responsáveis de topo das empresas petrolíferas mundiais, com o tema *A transição energética e a protecção da casa comum*, 14 junho 2019.

### **Discurso do Santo Padre**

Eminência,  
distintos Dirigentes, Investidores e Especialistas,  
Senhoras e Senhores

Dou umas calorosas boas-vindas a todos vós por ocasião deste diálogo sobre o tema *A transição energética e a protecção da casa comum*. O facto de se encontrarem em Roma, depois do encontro do ano passado, é um sinal positivo do vosso constante empenho em trabalharem juntos num espírito de solidariedade a fim de promover passos concretos para a protecção do nosso planeta. Estou-lhes grato por isso.

O presente segundo Diálogo desenvolve-se num momento crítico. A crise ecológica de hoje, em especial pelas alterações climáticas, ameaça o próprio futuro da família humana, e isto não é exagero. Durante demasiado tempo, ignorámos colectivamente os frutos das análises científicas e «as previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia» (*Laudato si'*, 161). Qualquer discussão sobre as alterações climáticas e sobre a transição energética deve, portanto, assumir os melhores frutos da investigação científica hoje disponível e deixar-se tocar por ela em profundidade (cf. *ibid.*, 15).

Um desenvolvimento significativo neste último ano foi a publicação do *Relatório especial sobre o impacto do aquecimento global de 1,5° C acima dos níveis pré-industriais* pelo Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas. Esse relatório alerta claramente para o facto de que os efeitos sobre o clima serão catastróficos se ultrapassarmos o limiar de 1,5° C definido no objectivo do Acordo de Paris. O relatório adverte, além disso, que falta apenas um pouco mais de uma década para atingirmos essa barreira do aquecimento global. Perante uma emergência climática, devemos tomar medidas adequadas, para poder evitar cometer uma grave injustiça em relação aos pobres e às futuras gerações. Devemos agir responsabilmente pensando bem no impacto das nossas acções a curto e a longo prazo.

Com efeito, são os pobres que sofrem o pior impacto da crise climática. Como mostra a situação atual, os pobres são os mais vulneráveis aos furacões, à seca, às inundações e aos outros eventos climáticos extremos. Por isso, sem dúvida que é preciso coragem para responder «ao grito cada vez mais desesperado da terra e dos seus pobres» [1]. Ao mesmo tempo, as gerações futuras estão em vias de herdar um mundo muito arruinado. Os nossos filhos e netos não deveriam ter de pagar o custo da irresponsabilidade da nossa geração. Peço desculpa, mas desejo sublinhar isto: eles, os nossos filhos, os nossos netos, não deverão pagar, não é justo que eles paguem o preço da nossa irresponsabilidade. De facto,

como está a tornar-se cada vez mais evidente, os jovens exigem uma mudança (cf. *Laudato si'*, 13). «O futuro é nosso», gritam os jovens hoje, têm razão!

O vosso encontro centrou-se em três pontos interligados: primeiro, uma transição correcta; segundo, o preço do carbono; e, em terceiro lugar, a transparência na comunicação dos riscos climáticos. Estes são três problemas extremamente complexos e agradeço-lhes por os porem à discussão e ao vosso nível, que é um nível sério, científico.

Uma transição correcta, como sabem, é invocada no preâmbulo dos acordos de Paris. Essa transição implica a gestão do impacto social e laboral da passagem para uma sociedade com baixas emissões de carbono. Se bem conduzida, esta transição pode gerar novas oportunidades de emprego, reduzir a desigualdade e aumentar a qualidade de vida dos que são atingidos pelas alterações climáticas.

Segundo, é essencial uma política do preço do carbono se a humanidade quiser usar com sabedoria os recursos da criação. A falta de gestão das emissões de carbono resultou numa enorme dívida que agora terá de ser paga com juros por aqueles que virão depois de nós. A nossa utilização de recursos ambientais comuns só pode ser considerada ética quando os custos sociais e económicos de os usar são reconhecidos de forma transparente e são totalmente sustentados por quem deles usufrui, e não por outras populações ou pelas gerações futuras (cf. *ibid.*, 195).

O terceiro tema, a transparência em comunicar os riscos climáticos, é essencial porque os recursos económicos devem ser aproveitados onde podem trazer o maior benefício. Uma comunicação aberta, transparente, cientificamente fundamentada e regulada é do interesse de todos, tornando possível a circulação de capitais financeiros para aquelas áreas que oferecem «à inteligência humana possibilidades muito amplas de criar e inovar, ao mesmo tempo que protege o meio ambiente e cria mais oportunidades de emprego» (*ibid.*, 192).

Caros Amigos, o tempo está a esgotar-se! As reflexões devem ir além de meras procuras do que se *poderá* fazer, para se concentrarem no que *é preciso* fazer de hoje em diante. Não podemos dar-nos ao luxo de esperar que sejam outros a adiantar-se, ou considerar que a prioridade são os benefícios económicos de curto prazo. A crise climática exige de nós uma acção determinada, aqui e agora (cf. *ibid.*, 161), e a Igreja está plenamente empenhada em fazer a sua parte.

Na nossa reunião do ano passado, manifestei a preocupação de que «a civilização requer energia, mas o uso da energia não deve destruir a civilização!» [2]. Hoje, é necessária uma transição energética radical para salvar a nossa casa comum. Ainda há esperança e resta tempo para evitar os piores impactos das mudanças climáticas, desde que haja uma acção pronta e decidida, porque sabemos que «os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se» (*Laudato si'*, 205).

Agradeço-lhes mais uma vez por terem respondido generosamente ao convite do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral. Prometo-lhes as minhas

orações pelas vossas decisões; e invoco sinceramente para vós e para as vossas famílias bênçãos abundantes do Senhor. Obrigado.

[1] Discurso aos participantes da conferência internacional no 3.º aniversário da *Laudato si'*, 6 julho 2018.

[2] Discurso aos participantes no encontro para responsáveis das principais empresas do sector petrolífero, do gás natural e de outras actividades empresariais relacionadas com a energia, 9 junho 2018.

[Trad. do italiano de

<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2019/06/14/0513/01064.html>]